



REVISTA COLETIVO CINE-FÓRUM

RECOCINE | v. 2 - n. 2 | mai-ago | 2024 | ISSN: 2966-0513

Andre Rezende Benatti

<https://orcid.org/0000-0001-8909-8347>

Doutor em Letras Neolatinas: estudos literários hispânicos, na Universidade Federal do Rio de Janeiro; Bolsista Capes; Mestre em Letras: estudos literários, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2013) e graduado em Letras, habilitação em Português/Espanhol, pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2009). Atualmente é professor convocado da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Editor-chefe da REVELL - Revista de Estudos Literários da UEMS. É membro da Associação Brasileira de Hispanistas - ABH. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literaturas Estrangeiras Modernas, na qual desenvolve pesquisas relativas às temáticas da Violência, Cultura e Modernidade na Literatura Latino-americana e Espanhola, especialmente na obra de Josefina Plá. E-mail: andre_benatti29@hotmail.com.

PhD in Neolatin Languages: Hispanic Literary Studies from the Federal University of Rio de Janeiro; CAPES Scholar; Master's in Literary Studies from the Federal University of Mato Grosso do Sul (2013) and Bachelor's Degree in Languages, with a specialization in Portuguese/Spanish, from the State University of Mato Grosso do Sul (2009). Currently, a professor at the State University of Mato Grosso do Sul. Editor-in-chief of REVELL - Journal of Literary Studies at UEMS. He is a member of the Brazilian Association of Hispanicists - ABH. He has experience in the field of Languages, with an emphasis on Modern Foreign Literatures, where he develops research on themes of Violence, Culture, and Modernity in Latin American and Spanish Literature, especially in the work of Josefina Plá. Email: andre_benatti29@hotmail.com.

Este artigo passou por avaliação por pares cega e *software* anti-plágio.



LICENÇA ATRIBUIÇÃO NÃO COMERCIAL 4.0 INTERNACIONAL CREATIVE COMMONS – CC BY-NC

SOBRE O VAZIO DO COTIDIANO: UMA LEITURA DO CONTO *ROSA SHWARZER VUELVE A LA VIDA*, DE ENRIQUE VILA- MATAS

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar o conto “Rosa Shwarzer vuelve a la vida”, do escritor espanhol Enrique Vila-Matas, presente na coletânea de contos intitulada *Suicidios Ejemplares* (2012), publicada em 1991. Esta proposta de leitura gira em torno dos aspectos que envolvem a vida da personagem Rosa, criada por Vila-Matas, a partir da relação desta com *El Príncipe Negro*, quadro do pintor modernista suíço Paul Klee. A análise é feita também em torno do vazio existencial da personagem sente ao ponto de cogitar cometer o suicídio; esse vazio tão imenso a leva ao limite de sua existência, não querendo mais fazer parte do mundo empírico em que se encontra, fazendo-a perder a vontade de viver, como ela consuma esse ato e retorna a vida novamente, esses são os objetos de pesquisa. Para esta leitura da narrativa serão utilizadas questões relativas aos estudos literários, mais especificamente no tocante as construções do texto, suas microestruturas, assim como de outras vertentes analíticas, em menor grau.

Palavras-chave: Suicídio; Enrique Vila-Matas; personagem; vazio.

ON THE EMPTINESS OF EVERYDAY LIFE: A READING OF THE SHORT STORY *“ROSA SHWARZER VUELVE A LA VIDA”* BY ENRIQUE VILA-MATAS

ABSTRACT

The present work aims to analyze the short story "Rosa Shwarzer vuelve a la vida" by the Spanish writer Enrique Vila-Matas, featured in the collection of short stories titled *Suicidios Ejemplares* (2012), published in 1991. This reading proposal revolves around the aspects that involve the life of the character Rosa, created by Vila-Matas, focusing on her relationship with *El Príncipe Negro*, a painting by the Swiss modernist painter Paul Klee. The analysis also centers on the existential void felt by the character to the point of contemplating suicide; this immense void drives her to the limit of her existence, making her no longer want to be part of the empirical world she inhabits, leading her to lose the will to live. How she consummates this act and returns to life again are the main research subjects. For this reading of the narrative, issues related to literary studies will be employed, more specifically regarding the text's construction, its microstructures, as well as other analytical approaches, to a lesser extent.

Keywords: Suicide; Enrique Vila-Matas; character; emptiness.

Enrique Vila-Matas em sua coletânea de contos intitulada *Suicídios Ejemplares* (2012), escreve narrativas curtas, cujas histórias, por mais diversas que possam ser, sempre têm como primazia um ato intencional de matar a si mesmo, o suicídio. Todavia, os suicídios ocorridos nos contos da coletânea nunca são concretizados, não são suicídios com relação ao fim da vida, a morte, o falecimento, o desencarne, mas sim com o suicidar-se metaforicamente e deste emaranhado de doze suicídios, nos propomos a fazer uma leitura do conto “Rosa Schwarzer vuelve a la vida”.

Quando tomamos as acepções da personagem no texto narrativo o primeiro ponto a ser pensado é que essa pessoa da narrativa, lembrando a nomenclatura de Edgar Morgan Forster, em *Aspectos do Romance* (2004), só existe no universo criado dentro do texto, portanto, ela é resultado da construção/criação feita pelo autor. A personagem, para Forster (2004) é uma pessoa não existente fora das palavras do texto. Rosa Schwarzer só existe em seu conto. Beth Brait dá destaque nesta construção de pessoa ao trabalho linguístico do autor quando revela “a materialidade desses seres só pode ser atingida através de um jogo de linguagem que torne tangível a sua presença e sensível os seus movimentos” (Brait, 1993, p.53). A partir desta materialidade, criada pelo jogo de linguagem, analisaremos a personagem Rosa, materialidade esta marcada pela visão do narrador sobre a personagem na narrativa, é ele que nos dará acesso à própria Rosa e ao ambiente de sua casa e trabalho, assim como a monotonia presente na vida da personagem.

Segundo Brait (1993), o narrador em terceira pessoa, como é o caso do conto a ser analisado, não está envolvido na história, ele apenas narra observando, não é personificado. Na narrativa de Vila-Matas, chama a atenção, também, a maneira como esse narrador supostamente conhece Rosa, a ponto de iniciar dois parágrafos da narrativa com a frase “Eu sei que Rosa Schwarzer[...]” (2012, p. 43-44), denotando um narrador que conhece muito bem a personagem a qual está narrando.

No conto em questão, o narrador criado por Vila-Matas, nos apresenta a história de uma pretensa suicida, mas, sem coragem para o ato, sempre arranja um motivo para continuar vivendo, ora pelo filho, ora pelo marido que a trai. Em todo o decorrer do conto, se por um lado o narrador nos apresenta a vida medíocre e sem sentido de Rosa, por outro lado a personagem se sente sempre muito envolvida por um dos quadros cuidados por ela no museu onde trabalha. Esse quadro, de certa forma, manipula seu psicológico, é como se a conhecesse intimamente, soubesse dos seus problemas e a convidasse diariamente para ir conhecer seu “país”, isto é o país dos suicidas. Como em uma relação às avessas de *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar

Wilde, cuja personagem principal, Dorian, não consegue olhar para seu retrato, Rosa sente-se atraída pelo retrato de outra pessoa.

Rosa Shawarzer é uma mulher comum, como tantas outras, casada, mãe de dois filhos, tem um emprego mediado, mas sua vida foi escolhida por ela própria. Além de uma rotina monótona, têm muitos problemas, o marido a trai, o filho mais velho com uma doença mortal, e existe nela uma vontade enorme de morrer, o que a diferencia das demais mulheres são seus amigos fictícios.

Os sentimentos de tristeza “[...] a tientas en el vacío incoloro e insípido de su triste vida [...]” (Vila-Matas, 2012, p. 44), e de infelicidade tomam conta de Rosa no decorrer da narrativa, a personagem vive em uma solidão interior, o que acaba afetando sua vida exterior, levando-a ao delírio diário de suicídio, a personagem vive terrivelmente cansada de tudo e de todos, perdeu o apreço pela vida e mergulhou num vazio existencial imenso, vivendo não por si, mas pelo seu filhonecessidade de seus cuidados “[...] y que aquella sí era una verdadera razón para seguir viviendo” (Vila-Matas, 2012, p. 46).

Em seu emprego de vigia no museu de Dusseldorf, Rosa Schwarzer cuida de várias obras de artes em uma sala dedicada ao pintor Paul Klee, onde há dois quadros, os quais vigia com zelo e carinho, mais que sua própria vida, e há um em especial, chamado “Príncipe Negro”, um sedutor africano pintado pelo artista suíço, para Rosa, vive convidando-a para entrar em seu país. Nesse país dos suicidas, em seus delírios, emergida em uma profunda melancolia, escuta sons vindo do quadro, um som como batidas de tambor a incita e incentiva a entrar em seu país:

[...], pues desde hace un rato, mezclándose con el sonido de la lluvia que cae sobre el jardín del museo, ha empezado a llegarle, procedente del cuadro El príncipe negro, la seductora llamada del oscuro príncipe que, para invitarla a adentrarse y perderse en el lienzo, le envía el arrogante sonido del tam-tam de su país, país de los suicidas. (Vila-Matas, 1991, p. 43)

Para Leyla Perrone-Moisés, o fator sedutor está ligado a toda e qualquer parcela da vida humana, portanto também à sua linguagem “o seduzido não está simplesmente entregue a fantasia neurótica. Há nele, antes de tudo, o desejo de entrar em outra linguagem, de sair daquele círculo em que está aprisionado [...]” (Perrone-Moisés, 1998, p. 17). Exatamente como Rosa deseja sair da vida à qual se encontra: [...] aprovecharse de aquella ocasión, tan fácil como inmerojable, que se le apresentaba para quitarse la vida y alcanzar la libertad al desprenderse de todo y de todos, salir por fin de este trágico y grotesco mundo (VILA-MATAS, 1991 p. 46).

A sedução exercida pelo príncipe do quadro de Paul Klee sobre Rosa, a envolve em todas os momentos de sua vida, todavia, a personagem não sabe, ou ao menos não é

demonstrado é que, se pensarmos em uma personagem com uma “vida” antes do retrato fotografado no conto, mediante as acepções de Cortázar ao conto enquanto forma, desde antes de conhecer O Príncipe Negro, Rosa já estava ligada a ele de alguma forma. Paul Klee, de acordo com Rosana Costa Ramalho de Castro (2010), nasceu em Münchenbuchsee, Suíça, foi pintor e poeta, naturalizado alemão, influenciado por várias tendências diferentes, incluindo o expressionismo, cubismo e surrealismo, e foi também um dos principais teóricos do movimento construtivista nas artes plásticas. Klee pinta o quadro expressionista Príncipe Negro em 1927. Quando voltamos um pouco nossa discussão ao título do conto, "Rosa Schwarzer vuelve la vida" e buscando o significado da palavra Schwarzer, percebemos que a palavra provém do alemão e sua tradução para o espanhol, língua oficial do conto, significa negro, o mesmo significado do nome do quadro o qual Rosa cuida: Schwarzer Fürst em espanhol, El Príncipe Negro.

De acordo com Sónia Pérez Castro, o nome de Rosa, assim como a história que se conta na narrativa não se dá pela primeira vez no livro *Suicidios Ejemplares* (2012).

Revisando la obra de Vila-Matas comprobamos que esta no es la primera vez que aparece este nombre; lo encontramos en un artículo dentro del libro *El viajero más lento*, que corresponde con la parte denominada “Alemania en otoño”, una colección de artículos que aparecieron en *Diario 16* en el año 1989, con fecha, por lo tanto, anterior a la publicación de los relatos. En esta sección de *El viajero más lento* lo que hace Vila-Matas es una especie de diario de viaje de su estancia en Alemania cuando estaba allí promocionando su obra. Leyendo ambos textos comprobamos que apenas existen diferencias entre el principio de los dos relatos, simplemente el segundo, el que pertenece a *Suicidios ejemplares*, es una reelaboración del primero (Pérez Castro, 2006, p. 2).

Desta maneira, podemos perceber que as personagens do conto e do quadro têm um “relacionamento” muito próximo, assim como a relação que envolve o autor e o conto. Pois, percebemos que a cor negra rodeia a tela do príncipe no quadro de Klee, também rodeia a vida de Rosa, cor esta sempre relacionada ao sombrio, à tristeza. Nas palavras de Vila-Matas (1991, p. 61), “Rosa Schwarzer comprende enseguida que se trata de volver a suicidarse, en este caso de practicar el gesto al revés, un suicidio que la haga caer, no del lado de la belleza sino del lado opuesto, del lado de la vida”. Dessa maneira, há grande importância a relação do título com o desenvolver da história, ou seja, uma ideia de polaridade exposta, relacionando o nome e os desejos de Rosa. O restante do título “vuelve a la vida”, tomando-se assim a possibilidade que Rosa necessita para sair do estado o qual se encontra, fuga da morte, mas não a morte física,

a morte espiritual leva essa mulher a suportar todos os tipos de humilhação por aqueles ao seu redor.

De acordo com Antonio Candido (2002), personagens são seres criados na ficção, cujos fatos se relacionam à sua vida estão intimamente ligados aos componentes ficcionais, ou seja, às estruturas da narrativa, bem como a visão da vida decorrente dos significados e valores que os animam. Assim, a personagem é o o ser mais “vivo” na narrativa. No conto de Vila-Matas, Rosa espera que sua vida torne a ser bela como era antes, quando conheceu seu marido, quer ser amada e respeitada por todos de sua casa, sua vida é considerada por ela um vazio enorme, por mais que tente ser feliz não consegue, porque felicidade sozinha não se completa, ela precisa preencher essa lacuna, precisa de algo depara dar a ela um sentido real, uma atenção especial para continuar vivendo, pois com o tempo, as chamas do amor foram se apagando, o encantamento amoroso se extinguindo, até se transformar em traição “[...] para seguir tentando que su marido recuperara La alegría y volviera a ser aquel hombre encantador que había conocido en el parque de Hofgarten, una maravillosa mañana de domingo, treinta años antes [...]” (Vila-Matas, 2002, p. 45).

[...] na vida estabelecemos uma interpretação de cada pessoa, a fim de podermos conferir certa unidade à sua diversificação essencial, à sucessão dos seus modos de ser. No romance, o escritor estabelece algo mais coeso, menos variável, que é a lógica da personagem. A nossa interpretação dos seres vivos é mais fluída, variando de acordo com o tempo ou as condições da conduta. No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem; mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo de ser (Candido, 2002, p. 58-59).

Quando pensamos na curvatura dada por Vila-Matas à personagem Rosa Schwarzer, essa Rosa já está desde o título marcada pela escuridão, Rosa Negra, percebemos as delimitações dadas pelo escritor impedem que a personagem aja diferentemente do mundo o qual vive, mesmo assim desejando, buscando tal feito neste país de suicidas.

Sobre a vida dada por Vila-Matas a Rosa,

En realidad su marido, engañándola a diario de aquella forma tan zafia con la vecina (y creía el muy desgraciado que ella no sabía), era merecedor de..., para seguir intentando que su marido recuperara la alegría y volviera a ser aquel hombre encantador que había conocido en el parque de Hofgarten, una maravillosa mañana de domingo [...] (Vila-Matas, 2012, p. 45).

No dia do seu aniversário em meios a tantos pensamentos vazios, e as ocasiões tempestuosas, ainda assim Rosa pensava duas vezes antes de se matar, saindo para comprar

batatas, resolve fazer uma parada e tomar um café, havia muito tempo que não fazia isso, ela se sentiu animada.

Para celebrar que había decidido continuar viva, entro en el Comercial a tomar un te, y lo hizo con la satisfacción de quien por fin se atreve a tomar una decisión largo tiempo aplazada, pues hacía años [...], sintió que estaba viviendo unos momentos de intensa libertad. (Vila-Matas, 1991, p. 48-49)

Para Antonio Dimas, em *Espaço e romance* (1986), entre as várias microestruturas textuais, o espaço pode adquirir grande importância no texto literário, e em alguns textos por estar diluído entre as outras microestruturas, pode ter importância secundária. No conto de Vila-Matas, o espaço adquire importância a partir do ponto que pensamos no lugar onde Rosa trabalha, um museu, e o contato o qual ela tem com o que a leva ao “país dos suicidas”, dá todo o desenrolar de suas ações, o transporte desta para outro local, de uma sala a um país. O espaço, desta forma, exerce grande função na narrativa segundo Bachelard em *A poética do espaço* (2008),

É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fosses de duração concretizados por longas permanências. O inconsciente permanece nos locais. As lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto mais bem especializadas. Mais urgente que a determinação das datas é, para o conhecimento da intimidade, a localização nos espaços da nossa intimidade. (Bachelard, 2008, p. 29)

Neste mesmo espaço se desenvolverá todas as ações de Rosa. Ao tentar se animar com sua ida ao café a personagem conhece um homem, o qual tinha o mesmo nome de seu filho, faz uma breve amizade e sai junto caminhando pela cidade, os espaços transitam e mudam constantemente nesta fase da narrativa, mas o que vem junto a esse caminhar é o fato dele também achar a realidade desagradável; percebemos, nesse momento, que até a caminhada, Rosa traz em sua mente a presença do príncipe negro em sua vida, por três vezes pensa em se matar, mas a presença do homem desconhecido, neste trânsito de espaços, faz Rosa deixar por alguns momentos o vazio de sua vida, e passa a ser preenchida por essa companhia e pelo novo lugar.

Ya eran três las oportunidades que habia desperdiciado aquella mañana, tres rotudas y claras ocasiones para matarse. Eso le hacía sentirse tan segura y era tal confianza que en aquel momento tenía en sí misma que se atrevió a invitar al desconocido de la capucha a pasear con ella por el barrio (Vila-Matas, 1991, p. 51).

O contato com a novidade, seja ela o amigo ou a espacialidade do passeio, faz com que Rosa se abra ao desabafo de seus pensamentos mais íntimos. Ao novo amigo, contou-lhe seus mais íntimos desejos de suicídios e a maneira como queria realizá-los intuitivamente em cada momento de desespero, mas seu amigo lhe deu um conselho, que o fizesse, de uma maneira mais sutil, com mais estética e então lhe deu uma garrafinha de uísque falando era cianureto:

Mira, tienes que hacerme un favor, Rosa. La próxima vez que quieras matarse no recurras a la lejía ni al patio de la vecina a las ruela de un coche. Son muertes poco estéticas, la verdad. En caso de necesidad – le dijo él – basta con decapitar el botellín y tomar el veneno de un solo trago, así de sencilla es la cosa [...]. – Te juro que es cianureto. El botellín sólo esta para despistar, ¿ es que no lo comprendes? (Vila- Matas, 2012, p. 52).

Neste exato momento ela não escuta mais o som do tambor do país dos suicidas, pois está do lado de um homem que mesmo desconhecido acaba substituindo o Príncipe Negro, este novo homem não a convida para o país dos suicídios, mas oferece o veneno para quando quiser suicidar-se, o veneno já está em sua mão.

Assim, o novo devaneio de sua ida ao país dos suicidas ganha novo espetáculo, neste não mais precisa viajar um “país” totalmente desconhecido a ela, basta um gole e irá definitivamente ao encontro do local suicida. Como lembra Bachelard (2008), na citação acima, o devaneio no qual Rosa se encontra a leva a um estado fora do mundo próximo, a leva ao mundo do Príncipe Negro.

[...] o devaneio alimenta-se de espetáculos variados; mas por uma espécie de inclinação inerente, ele contempla a grandeza. E a contemplação da grandeza determina uma atitude tão especial, um estado de alma tão particular que o devaneio coloca o sonhador fora do mundo próximo, diante de um mundo que traz o signo do infinito. (Bachelard, 2008, p. 189)

Para além das questões relativas à personagem de Rosa e suas relações no decorrer da narrativa de Vila-Matas, parece-nos relevante explorar uma das questões que, apesar de mencionada anteriormente, não foi completamente marcada, pois nos vimos às voltas com as sensações apenas da personagem principal.

A Arte Moderna é a criação alocada convencionalmente num período o qual chamamos modernidade, é, assim como qualquer forma artística, uma percepção impressa pelo visual, pictórico, tal qual a literatura o faz por meio de palavras, ou seja, é a forma com que o homem de tal época viu e representou o mundo que o cercava naquele momento. Quando pensamos neste mesmo aspecto da literatura espanhola, percebemos existir um ‘rompimento’ iniciado pelo homem Romântico, o qual caracteriza o início do que vai concretizar-se no chamado de

Modernismo. Este homem moderno que, para além das nomenclaturas temporais, passa a ver a si próprio representado nas artes de maneira distinta.

Para Marshall Bermann (1999), a diferença entre este homem moderno e o homem de outros tempos, o moderno, tem consciência das transformações pelo qual mundo que o cerca passou. Há uma lembrança recente do viver para a razão e o viver para o espírito, e o viver um tempo de revolução e explosão em todas as parcelas da vida: pessoal, social, política, econômica, cultural e artística, “é dessa profunda dicotomia, dessa sensação de viver em dois mundos simultaneamente, que emerge e se desdobra a ideia de modernismo e modernização” (Bermann, 1999, p. 19). Assim, influenciados por fatores externos à literatura há uma aceleração do rompimento do artista com valores estéticos clássicos, e como resultado há também uma nova forma de representar o mundo, a inquietação com a realidade circundante se apossou do homem moderno.

Ao pensarmos tal relação de representação da pintura e da literatura, e mais propriamente da pintura na literatura, e suas influências na história contada pela literatura, aproximando-nos mais ainda do conto de Vila-Matas, é praticamente impossível não pensar na obra marcante no assunto, o romance *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, de 1890, no qual as relações conturbadas de Dorian com seu próprio retrato, a ojeriza que ocorre por parte de Dorian por não consegue ver a “realidade” de sua própria vida, como ele realmente é. Todavia as relações entre pintura e literatura que nos interessam falar diferem um pouco das relações de Dorian Gray e seu retrato. Trata-se de uma relação oposta a esta, uma relação não de ojeriza, mas de sedução, como falado anteriormente.

Na narrativa de Vila-Matas, o quadro do Príncipe Negro é “lido” pela personagem Rosa com tristeza e escuridão, este dá vazão ou intensifica as sensações na vida da personagem, que naquele momento, enfrentava solidão, tristeza e rejeição em sua vida fora do museu. O príncipe negro, personagem do quadro, chama Rosa a visitar o país dos suicidas, para onde foi transportada em companhia do próprio príncipe, para outro lugar, descrito no conto “o outro lado da existência” e, de certa forma, era para onde Rosa, por várias pensou em ir para o país do Príncipe Negro, quando pensava em suicídios. Podemos perceber, portanto, a relação entre o quadro e Paul Klee e a personagem de Vila-Matas, está de tal maneira interligada que se misturam ambas histórias, o escritor espanhol integra a história pintada pelo artista suíço à sua, tornando-as uma narrativa única.

Essa passagem é descrita no texto como uma tontura balançando Rosa para frente e a faz entrar no quadro: “Subitamente mareada de muerte, ella da una fuerte cabezada hacia

adelante y cuando está a punto de desplomarse siente que há entrado em el cuadro [...]”, (Vila-Matas, 1991, p. 60-61), após tomar um líquido do vidro de uísque, até então, como cianureto: “De um solo y fulminante trago ingiere el veneno, y casi de inmediato el tam-tam la envuelve com la más cálida sensualidad”.(Vila-Matas, 2012, p. 60). O que se entende como uma tontura pela personagem e essa tontura a deixou em estado de alucinação.

Na narrativa, porém não se confirma se o líquido ingerido por Rosa era mesmo cianureto, o que a mataria em poucos instantes a personagem. Há na narrativa, indícios de Rosa nunca havia experimentado uma gota de álcool “aunque no está segura de que el whisky despierte, nunca há probado uma gota de alcohol y no sabe cómo puede sentarle, pero se arriesgará.” (Vila-Matas, 1991, p. 60), portanto fica a dúvida de Rosa para o mundo dos suicidas, se foi adormecimento por efeito alcoólico, ou se foi efeito do veneno que a levou temporariamente, a estado de alucinação.

Como fator principal da personagem, descrita na narrativa como uma das várias tentativas de suicídios de Rosa, há a experimentação real da morte, associada a situação de melancolia da personagem, a leva a outra perspectiva: a morte não resolve nem afasta os sentimentos de Rosa: “La felicidad mata y estos suicidas imitan no lo inimitable sino lo inexistente, piensa Rosa Schwarzer, mientras recuerda que también la irrealidad es desagradable.” (Vila-Matas, 1991, p. 61).

Essa nova cultura é incompreensível e diferente para Rosa, esta sente um desgosto ao ver que aquele mundo, não era o mundo o qual ela gostaria de habitar, pois apesar da beleza que ela presenciava, não preencheu o seu vazio existencial.

Y es que a pesar de la exultante belleza del príncipe, del humo azul ardiente y del deslumbrante país en el que se encuentra, comienza a sentirse incómoda en esa cultura incompreesible, en ese lejano y misterioso lugar en el que se celebra la muerte. (Vila-Matas, 2012, p. 61).

Assim, permitimo-nos “pensar que o suicida não quer morrer, ele quer apenas dar um sentido ao vazio de sua vida, com a morte” (Silva, Nogueira, Fraga, 2009, p. 105). Diante da expectativa de Rosa frente ao príncipe negro e à morte, percebemos que um suicida conhece a morte não pode falar sobre ela, no caso de Rosa o que morreu estava em seu interior, por mais vazia que seja a vida ela pode ser preenchida com sonhos e esperanças. A morte pode até ser bela, pois não a vivenciamos literalmente, porém, ela não nos leva a uma existência, ao contrário ela tira de nós o sonho, o prazer e o “eu”, enquanto ser vivente.

Logo, podemos nos perguntar o que é a morte, se não um vazio, um nada? Poderíamos, assim, dizer que seria um homem buscando tornar-se nada por sua total insatisfação com o que

o cerca. Todavía, não se é ou deixa de ser nada, desta forma não existe vida e tudo continuará sendo vazio, pois a vida é a morte desde quando nascemos e está chega ao fim não deixa de ser, há uma perda de vida total e o fim.

Rosa Schwarzer no lo piensa dos veces, se acerca a una de las columnas de humo y aspira profundamente, com todas sus fuerzas, y en tan sólo unos instantes se halla de nuevo sentada en su silla del museo, junto a la que descansa, rota en mil pedazos, la cápsula embriagadora. (Vila-Matas, 1991, p. 62)

Por motivos claramente expressos no conto, Rosa estava cansada da vida e de viver, pois via na realidade um desagrado: a falta de sentido para seguir vivendo, em um diálogo com um homem boêmio é possível perceber esse sentimento conforme segue: “– Por que la realidad es desagradable. / - ¡Que gracioso – Le dijo, y acaso no lo es también la irrealidad, amigo?” (Vila-Matas, 2012, p. 50).

Depois que Rosa conheceu o país do Príncipe Negro, percebeu sua falta de identificação com ele e volta ao seu mundo novamente, entende que já não se ouve mais o clamor apaixonado do país dos suicidas, aliviada, volta a assumir sua vida, uma vida escassa de propósitos:

Todavía algo mareada, recompone su figura mientras comprueba que todo sigue igual. O mejor dicho, casi todo igual, porque ya no se aprecia el reclamo enamorado y constante del tam-tam de los suicidas. Inmóviles están ahora el negro del príncipe y el rosa del Monsieur. En el fondo, todo está en perfecto y triste orden. Con sentimiento amargo pero el fondo también muy aliviada, Rosa Schwarzer siente que ha vuelto a sumirse en la grisalla de su vida, y se encuentra bien [...]. Tal vez sean mejores así: reales, vulgares, mediocres, profundamente estudiadas. Después de todo, piensa Rosa Schwarzer, aquello no era mi vida. (Vila-Matas, 2012, p. 62)

No conto de Vila-Matas, Rosa Shwarzer faz-nos refletir o quanto a vida é frágil, a falta de amor, reconhecimento, uma vida monótona, leva-nos, a uma melancolia tão profunda que somente a literatura pode elucubrar por meio da fantasia e representação da mente do ser humano.

Os sentidos descritos no conto pela perspectiva da personagem, pelo seu amigo ou pelo quadro, são traços que remetem à questão do vazio e angústia sentidos por Rosa e dão vazão as pequenas tentativas de suicídio por ela almejados.

Esse sentimento vivido por Rosa é interpretado por vazio existencial, é característico dos temas atuais de literatura, a realidade dela era acompanhada da escuridão, a começar pelo seu nome, associados a outros aspectos, faziam com que a personagem depreciasse a vida e a fizesse pensar em outras possibilidades menos opressoras.

Dessa forma percebemos que Rosa, acredita que dentro ou fora do seu mundo sua vida continuaria a mesma coisa, a mesma vida triste e monótona de sempre, por isso se diz Rosa Schwarzer volta a vida.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Tradução: Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1993.

CANDIDO, Antonio. **A personagem do romance**. In: CANDIDO, Antonio. ROSENFELD, Anatol. PRADO, Décio de Almeida. GOMES, Paulo Emílio Salles. *A personagem de ficção*. 10ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. São Paulo: Ática, 1986.

Pérez Castro, Sonia. “Los Suicidios Ejemplares de Enrique Vila-Matas” en **Enlaces revista del CES Felipe II**, número 5, junio 2006. Disponível em: <http://www.cesfelipesecondo.com/revista/articulos2006/art02.pdf> Acessado em 08/03/2021.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Flores da Escrivantina: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RAMALHO DE CASTRO, R. C. **O pensamento criativo de Paul Klee**. Per Musi, Belo Horizonte, n.21, 2010, p.7-18.

SILVA, Márcia Maria Luz da, NOGUEIRA, Venus Maria, FRAGA, Vanderlei Bruschi de. O Vazio Existencial: de Lacan à Contemporaneidade. In.: **Revista Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade**. Porto Alegre, n.07, Jan/Fev/Mar 2009, p.102 a 112. Disponível em: <http://www.revistacontemporanea.org.br/site/wp-content/artigos/artigo210.pdf> Acessado em 15/10/2015.

VILA-MATAS, Enrique. Rosa Schawarzer vuelve a la vida. In.: VILA-MATAS, Enrique. **Suicidios ejemplares**. Barcelona: Anagrama, 2012.